

PARECERES DESCRITIVOS: UM OLHAR ATENTO NA BUSCA DE CORPOS DÓCEIS

Aline Pin Valdameri¹

Resumo: O artigo “Pareceres Descritivos: Um olhar atento na busca de corpos dóceis” aborda o tema das relações de educação e de poder, aspectos que estão no ambiente escolar e norteiam o agir e o pensar da escola moderna. Têm como foco de análise os Pareceres Descritivos, registros que trazem em suas escritas verdades discursivas que permitem uma reflexão sobre o poder que permeia as situações comportamentais e educacionais neles referidos. Sob esse enfoque, não busco interpretar os registros, mas sim, compreender os discursos usados e as verdades existentes que determinam a disciplina. O texto desenvolve-se não apenas dispondo possibilidades de análise, mas aponta modalidades que estão presentes no ato de educar, situações com as quais me deparo em meu dia a dia de professora.

Palavras-chave: Disciplina. Corpos Dóceis. Avaliação Escolar.

Abstract: The article "Descriptive Notes: An attentive look searching for docile bodies" approaches the theme of the relations of education and power, aspects that are in the school environment and guide the acting and thinking of the modern school. The focus of analysis of this paper is the Descriptive Notes, records that carry in their writing discursive truths that allow a reflection about the power that permeates the behavioral and educational situations referred in them. Under that focus, I don't intend to interpret the records, but understand the discourses used and existing truths that determine the discipline. The text unfolds not only disposing analysis possibilities, but points out modalities that are present in the act of educating, situations with which I come across in my everyday routine as a teacher.

Keywords: Discipline. Docile Bodies. School Assessment.

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Pensar sobre as práticas escolares de avaliação, por meio dos Pareceres Descritivos, a partir das leituras do filósofo Michel Foucault não é um trabalho fácil. O autor nos mostra como as técnicas de poder, que estão concentradas no corpo dos indivíduos e que implicam em resultados intensos e “duradouros” (VEIGA NETO, 2003, p.87), toma o corpo de cada um na sua vivência de modo a ordená-los, distribuir e alinhar.

A disciplina do corpo reforça a docilização em termos do modo de ser, do desempenho, da rotina e de outros. Isso tudo é estabelecido aos alunos na escola, estendendo-se a ideia de que facilita e coopera para uma boa aprendizagem. Assim, as crianças tornam-se disciplinadas por conta de um modelo pedagógico estabelecido por conhecimentos e saberes.

¹ Formada em Pedagogia pela Universidade UNIVATES e Pós-Graduada em Educação e Psicologia: Poder, Diferenças e Rupturas pela UNIVATES, atualmente atua no Ensino Fundamental nas Séries Iniciais e no Ensino Médio.

Desse modo, as disciplinas escolares funcionam como reguladores sociais, pois o currículo escolar é estruturado, em sua organização, com finalidades de domesticar indiretamente. De tal modo, os discursos das práticas avaliativas - pareceres Descritivos, são produzidos por um ideal de sujeito que se deseja construir e modelar conforme as verdades ativas, que estão em um conjunto de saberes e de normalização, que individualizam e comparam os indivíduos.

Portanto, o leitor deste ensaio encontrará recortes feitos por mim. O primeiro deles, intitulado “Buscando Corpos Dóceis”, aborda algo do momento, que está presente nas práticas curriculares e que se refere às formas de docilizar o corpo do indivíduo, apresentado por Foucault (1975), filósofo que apontou como as práticas e os saberes vêm para produzir o sujeito moderno.

No segundo recorte trato de uma descrição, cujo título “Poder e Saber nas Práticas Pedagógicas” aborda uma análise dos discursos que estão presentes na sociedade moderna e que remetem aos mecanismos de normalização – os Pareceres Descritivos que se constituem em julgamento e comportamento e muitas vezes limitam-se à capacidade de pensar e ser do sujeito, são fundados no padrão de normalidade pela ligação dos saberes científicos e das técnicas escolares.

A “Carta de Intenção” apresenta recortes para conhecer e colocar sob estranhamento e suspeita as verdades recorrentes nos Pareceres Descritivos, principalmente como olhamos o outro, como apresentamos e descrevemos o outro – representação do outro por meio da descrição.

Esses recortes salientam considerações relevantes sobre o ambiente escolar e as relações de poder que se instituem entre professores e alunos a partir dos discursos que as intercedem. Para esses recortes os sujeitos envolvidos direcionam não só seu agir e pensar, como também seu olhar com relação ao ambiente que os cerca. Com um olhar foucaultiano busco uma outra maneira de ver os Pareceres Descritivos, a fim de dar visibilidade aos mecanismos de poder que se estabelecem por meio dos discursos.

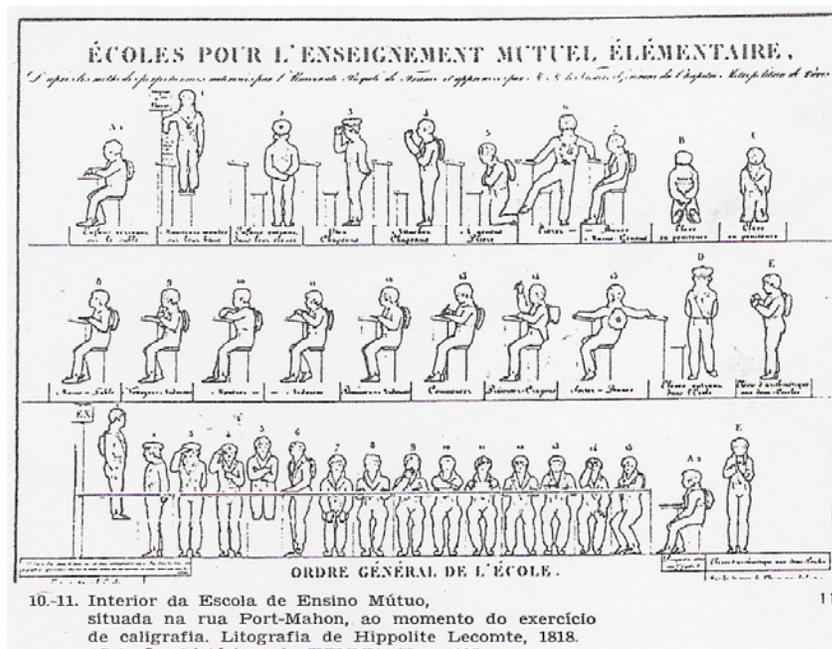
A partir dessas percepções, observo e analiso possibilidades de um estranhamento dos mecanismos de controle que se configuram em discursos feitos nos apontamentos dos Pareceres Descritivos. Parece visível diante desse instrumento, apontar modalidades que estão presentes na prática curricular, realizando um estudo que procure citar uma forma de olhar essas circunstâncias e entender os aspectos que nela estão inseridas. No entanto, não pretendo estabelecer um discurso correto, nem uma única visão aceitável.

Neste campo é relevante mencionar o texto: Dispositivos de penalização normativa, de Sandra Corazza (2001) mencionado na obra: “O que quer um

Currículo?” onde se apontam perguntas que Foucault (1975), atribuiu a um julgamento que norteia a escola moderna, que busca uma verdade em relação àquela criança que não se adapta ao padrão de normalidade constituído pelos saberes educacionais: “Que medida tomar para que seja apropriada? Como prever a evolução do sujeito? De que modo será ele mais seguramente corrigido?” (FOUCAULT, 1975, p.52). Isto coloca o indivíduo - o aluno - a um conjunto de julgamentos que o norteia como a observação, a descrição do seu desenvolvimento, levando-o a pensar sobre si mesmo.

Percebe-se que a instituição escola se impõe e ressalta a sua importância, pois está inserida nas relações de poder-saber, para agir e estruturar as ações do sujeito. Enfim, este poder está sendo ministrado com olhos da normalização.

BUSCANDO CORPOS DÓCEIS



Está na hora de ir para a escola, pego meu material e vou. No caminho, encontro crianças que seguem o mesmo trajeto. Chegando lá, deparo-me com crianças brincando, pulando, correndo, rindo. Algumas vêm ao meu encontro.

Entro na sala dos professores e todos estão organizando a aula, trocando ideias e ao mesmo tempo ouvindo recados da diretora, normas e atividades a serem cumpridas.

De repente, toca a sineta (essa estridente, que assusta), sinal que vai começar a aula e os alunos se posicionam na fila para esperar a professora. Pego meu material e vou ao encontro dos alunos, cumprimento-os e seguimos juntos até a sala de aula, todos em fila atrás de mim. Os primeiros conversando comigo e outros conversando entre colegas.

Chegando à sala, todos vão para os seus lugares (mesas e cadeiras posicionadas uma atrás da outra), arrumam seu material e começa a aula. Todos realizam as atividades propostas.

As atividades são realizadas e alguns levantam a mão para falar ou para ler a atividade realizada ou para ir ao banheiro. Em alguns momentos é pedido silêncio, pois estavam conversando, alguns continuam, mas o tom de voz diminui. Se alterarem a voz, é só dar uma olhada e pronto. Já sabem o que é para fazer – ficar em silêncio e realizar os exercícios.

E segue. Bate o sinal para ir ao recreio e todos eufóricos formam a fila para primeiro ir ao banheiro e em seguida para comer o lanche. Novamente a sineta, todos comentando sobre o que estavam brincando, formam a fila e seguem para a sala de aula, em sua cadeira e mesa para continuar a realizar as atividades.

O filósofo Michael [Foucault](#), em *Vigiar e Punir – Histórias da Violência nas Prisões* (1975), descreve os processos pelos quais os indivíduos são rodeados pelas instituições de poder e quanto esses mesmos processos são produtivos em determinada época. Com esse estudo, me propus a pensar sobre as práticas escolares, partindo da visão de Foucault, que busca algo no momento, no lugar, no acontecimento, ou seja, modalidade que está recente na prática curricular, levando a pensar no que se refere à técnica da observação, os Pareceres Descritivos.

Nessa perspectiva, o corpo está ligado aos poderes que organizam como limites ou obrigações, por essas razões o corpo é objeto de investimentos tão importantes e urgentes. Na escala do controle trata-se de trabalhá-lo em detalhe, de mantê-lo a um nível mecânico como movimentos, gestos, atitude, rapidez e tudo isso desenvolvendo poder sobre o corpo ativo. O efeito desses movimentos, essa organização interna, é o exercício.

Os procedimentos que permitem o controle particular das operações do corpo impõem uma relação de “docilidade-utilidade” ([FOUCAULT 1975](#), p. 118); é o que permite chamar as “disciplinas”². Falar de disciplina é falar no poder disciplinar que age ao nível do corpo e dos saberes, pois funciona como forma de comunicação e convivência na coletividade. Mesmo que sejamos diferentes compreendemos ou tentamos compreender como é um sujeito disciplinar.

² Grifo do autor

Faço referência a [Foucault \(1975\)](#), que via as escolas e a educação praticando um papel no crescimento da docilidade dos corpos, podendo assim manipulá-los, manejá-los. Segundo o autor, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” ([FOUCAULT, 1975](#), p.118)

Nesse contexto, a instituição escola nos tira da nossa casa ou do lugar que estamos para nos enquadrar como objeto de controle do nosso corpo. Por exemplo: conservar os olhos no professor, permanecer sentados, ficar em fila, manifestar com aparência de estar escutando o que está sendo solicitado. Essa prática, esse controle que “invade”³ o corpo é uma estratégia de disciplina, que se torna uma dominação entre os corpos.

Esse mecanismo de disciplina é instituído nas escolas pela sociedade disciplinar, que remete que o homem deve ser mais obediente, controlado, manipulado e educado para ser sujeito. Essas práticas induzem o comportamento de conservar a si e aos outros, pois:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina ([FOUCAULT, 1975](#), p.119).

O filósofo aponta que a verdade na modernidade é a disciplina. Neste contexto, as práticas pedagógicas apontam relações de poder entre professores e alunos com respeito a questões de saber. Nessa concepção eu me questiono sobre qual saber é válido. Como é produzido o saber, por quem é produzido? Esse controle escolar, as práticas dirigidas aos alunos, a docilização, as regras e as normas acabam por configurar sob uma única lógica - a disciplina.

A disciplina estabelece as presenças e as ausências dos indivíduos, saber onde e como encontrar cada um deles, dirige as conversas e as suspende. Poder que vigia o modo de ser de cada um e verifica as qualidades. Esse método leva a conhecer, dominar e utilizar. Enfim, a disciplina organiza o espaço. Segundo [Foucault \(1975](#), p. 123), “o indivíduo é distribuído no espaço – escola, cada indivíduo no seu lugar e cada lugar um indivíduo” e é na sala de aula que os lugares são determinados pelo professor e só poderão trocar com sua ordem. Cuidando para deixar os bem comportados entre os distraídos para evitar a desordem. Assim, o professor consegue controlar a sala de aula.

³ Grifo do autor

Esses lugares determinados são para corresponder ao que se deseja, não só o ato vigiar, mas de criar um espaço proveitoso. Foucault (1975), já mencionava que no final do século XVII, a situação vivida pelas pessoas nas mais variadas instituições, já eram docilizados, de modo que fossem disciplinados. Assim, o princípio da disciplina se define pelo lugar que os indivíduos ocupam na série e pela distância que os separam dos outros. A unidade é “posição na fila”, Foucault (1975) explicita tal abordagem, dizendo:

A disciplina, arte de dispor a fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações (FOUCAULT, 1975, p.125).

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a repartição dos indivíduos na ordem escolar. Filas no início da aula, fila para ir ao pátio, para ir ao lanche - um conjunto de alinhamentos segundo sua idade, seus desempenhos, movimento duradouro em que “os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados” (FOUCAULT, 1975, p.126). Essa determinação de lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho realizado por todos, organizando uma economia do tempo de aprendizagem. O espaço escolar, de acordo com Foucault (1975), é como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. Com isso, a sala de aula fica sob o olhar controlador do professor.

Nesse processo disciplinar encontra-se o rigor do tempo, herança antiga que está em todas as atividades para manter a ordem. A divisão do tempo torna-se cada vez mais esmiuçante, pois as atividades são cercadas o máximo possível por ordens a que se tem que responder imediatamente. Segundo Foucault (1975), é preciso aproveitar o tempo imposto de modo que anule tudo que possa perturbar e distrair. “Trata-se de constituir um tempo integralmente útil.” (FOUCAULT, 1975, p.128). Portanto, é exigido que o corpo aproveite o tempo realizando o seu exercício com perfeição e atenção, seguindo as regularidades, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar. Esse tempo entra no corpo e com ele todos os controles particulares do poder.

A escola foi disposta para a utilização do tempo, na sua organização, nas atividades ordenadas, no ensino do mestre linear que regula as operações feitas. Por outro lado, há os sinais, os comandos, as normas que ajudam a acelerar a aprendizagem e a ensinar a rapidez como uma virtude. Nos deparamos com características da aprendizagem coletiva, entre o professor que deve apresentar seu saber e o aprendiz que deve apresentar sua tarefa. Dessa forma, segundo Foucault (1975, p. 133) “as disciplinas, que analisam o espaço, que decompõem e recompõem as atividades, devem ser também compreendidas como aparelhos para adicionar e capitalizar o tempo”.

Poderá se considerar que os fatos narrados são mecanismos que propõem a docilizar o corpo. Foucault (1975) ressalta que tais agires concentram-se para a transformação do corpo particular em um elemento

“[...] que se pode colocar, mover, articular com outros. Sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem; mas o lugar que ele ocupa, o intervalo que cobre, a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seus deslocamentos.” (FOUCAULT, 1975, p.138).

Portanto, segundo o autor, a disciplina deve ajustar para formar um tempo que possa extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-la num efeito excelente. Assim, a escola torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, cada condição e cada momento, se estão combinados como deve ser, são utilizados no processo de ensino.

Essa combinação de forças exige um sistema preciso de comando, no qual toda a atividade do indivíduo deve ser mantida na ordem que, por sua vez não tem que ser explicada, mas sim, que provoque o comportamento desejado pelo mestre disciplinar. O que importa é que o indivíduo perceba o sinal, os gestos, o olhar do mestre e atenda a cada um deles, tornando-se um indivíduo de mecanismo do poder, que coloca a ação de controle como uma estratégia de dominação, pois o corpo do poder aplica-se a outros corpos, considerando assim o exercício do poder um corpo a corpo.

PODER E SABER NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

PARECER DESCRITIVO

SER E CONVIVER

- Aceita com bom grado as orientações e determinações do colégio.
- Antes de tomar as atitudes deve pensá-las para não se arrepender.
- Necessita empenhar-se mais com os conteúdos.
- Seu mau comportamento em sala de aula contribui para a pouca aprendizagem.
- Não está manifestando melhoras embora já tenha sido alertado.

APRENDER: A APRENDER E A FAZER

- É uma aluna querida e muito criativa.
- Quando quer, trabalha com seriedade e capricho, mas muitas vezes atrasa-se por ficar todo tempo distraída com objetos escolares.

- Possui uma letra legível, mas necessita ter mais ordem e organização com seus materiais.

- Deve fazer da leitura um hábito diário, pois escreve ainda apresentando muitos erros.

- Muitas das atividades, principalmente as de raciocínio matemático, não consegue resolvê-las, pois percebe-se que não lê com atenção.

- Para superar estas dificuldades precisa, em casa, dedicar um tempo maior ao estudo da tabuada, de cálculos e rever o que foi visto em aula.

- Percebe-se que fica esperando a professora para corrigir as atividades para então copiá-las.

- Deve desafiar-se e querer mais, sabendo que o ato de aprender acontece no momento em que o conhecemos e cumprimos nossas responsabilidades de estudante.

- Os temas devem ser feitos com seriedade e vontade, pois é uma forma de crescer em sua aprendizagem.

- Tem muito por fazer para vencer esta etapa: é aquietar-se e confiar em suas potencialidades.

Os discursos que estavam e estão presentes na experiência humana e fazem referência à verdade, apresentam identidades com as quais o humano está em contato diariamente, de modo que se torne possível o pensar, o agir, a forma de ser sujeito. Aponto Foucault (1994), que não recusava as verdades do passado, mas apontava a importância de:

“sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que são sempre efeito de uma construção cujas regras devem ser conhecidas e cujas justificativas devem ser controladas”.

Diante dessa situação, os discursos apresentados nas práticas pedagógicas são evidentes para a necessidade de observar o mundo de outro ponto de vista que não seja pelo que foi apresentado.

Esse discurso estabelecido é percebido enquanto efeito de poder, pois busca definir um princípio organizador, compreendido como sendo o mecanismo de controle estabelecido pelas práticas discursivas que constroem o sujeito. Os aspectos apontados nos Pareceres Descritivos dizem respeito ao discurso e às verdades que atravessam os sujeitos submetidos nas descrições. Foucault (1996, p. 17) aponta que essas vontades de verdade são “reconduzidas pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído”.

A partir desses discursos pode se pensar no currículo, pois em sua história construída, o currículo apresenta discursos que fornecem apenas uma das tantas formas de interpretar o mundo e impor sentido, sendo um dispositivo de saber-poder-verdade, pois diz o que quer e espera um efeito diante de sua linguagem.

Nessa sequência, é importante mencionar que o currículo está implicado em relações de poder, já que transmite visões sociais particulares e interessadas. O currículo produz identidades individuais e sociais particulares. Por tanto o poder se manifesta em relações sociais em que certos indivíduos ou grupos estão submetidos à vontade e ao arbítrio.

E é sob essa perspectiva que se ressaltam nesse estudo os Pareceres Descritivos que são uma ficha individual, preenchida pelos professores com apontamentos do desempenho escolar em um determinado período letivo. Segundo [Corazza \(2001\)](#), o propósito dos Pareceres Descritivos é o de comunicar o desenvolvimento e as dificuldades individuais, fornecendo sugestões de como melhorar, bem como apontar os resultados parciais ou de término do processo de aprendizagem. A autora aponta esse instrumento como:

“uma coesa unidade de discurso, expressa na forte valorização dos mesmos instrumentos/ técnicas e na importância de divulgar às famílias e responsáveis pelas crianças os registros produzidos por sua aplicação”. ([CORAZZA, 2001](#), p.34)

O Parecer Descritivo garante a mudança dos “problemas de aprendizagem” do aluno, levando-o a examinar a si mesmo e a questionar os adultos ou responsáveis que com ele vivem. Tudo isso se enquadra dentro de um ideal buscado e exigido, pois os apontamentos feitos ao educando os levam a pensar em suas ações.

Todas essas considerações remetem a um domínio implícito dos discursos e principalmente da maneira que eles são conduzidos na construção do indivíduo, portanto faço uso do livro *O Nascimento da Clínica* de Michel [Foucault \(2006\)](#), que trata a clínica moderna como um lugar de observação e de saberes, apontando os privilégios de um olhar que observa mudo e sem gesto, que nada modifica e que busca apenas do que ali está presente. Para [Foucault \(2006\)](#), p. 117):

O correlato da observação nunca é o invisível, mas sempre o imediato visível, uma vez afastados os obstáculos que as teorias suscitam à razão, e à imaginação, aos sentidos. Na temática do clínico, a pureza do olhar está ligada a certo silêncio que permite escutar.

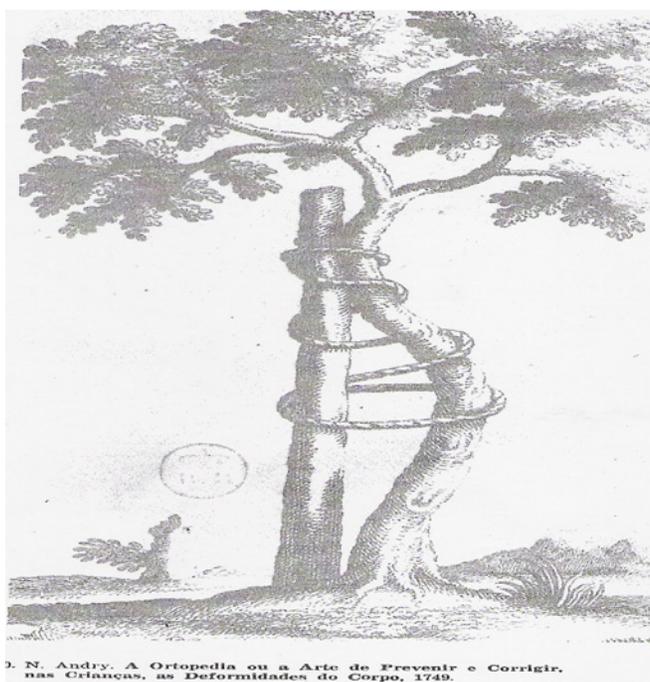
Para Foucault (2006), não existe diferença entre a clínica como ciência e a clínica pedagógica, porque na clínica como ciência há exigência do olhar, o domínio e a organização entre o médico e o doente. Assim é o processo pedagógico: está organizado por uma força dominadora que observa os alunos; há um domínio sobre eles apontando qual é o saber válido. O olhar, a observação é uma estratégia de controle.

E é sob essa perspectiva que este estudo se propõe a analisar os Pareceres Descritivos, partindo da observação de um filósofo, que busca algo do momento e que apresenta uma outra maneira de perceber o sujeito moderno, não compreendendo apenas essas formas prévias de continuidade do discurso, mas também como um ser particularizado em determinada época.

É esse olhar pedagógico que vale para o professor que executa o trabalho descritivo do Ensino Fundamental. Primeiramente, o professor estabelece um contato visual com seu aluno, pois “observa-se o estado atual em suas manifestações” (FOUCAULT, 2006, p.122). Em seguida, o professor descreve o “sintoma” que estabelece a ordem de sua verdade. Para Foucault (2006, p. 126)

Descrever é seguir a ordenação das manifestações, mas é seguir também a seqüência inteligível de sua gênese; é ver e saber ao mesmo tempo, porque o que se vê o integramos espontaneamente ao saber; é também a ensinar a ver, na medida em que é dar a chave de uma linguagem que domina o visível.

É possível pensar nos Pareceres Descritivos que garantam a transformação, nas ditas dificuldades de aprendizagem, pois para Foucault (2006, p. 127), “um olhar que escuta e um olhar que fala” aponta a verdade que normaliza. Assim faço uso da figura de Nicolas Andry, apresentada no livro de Foucault (1975), que destaca uma árvore presa ao chão, mas um tronco que foge da normalização e uma estaca conservada:



D. N. Andry. *A Ortopedia ou a Arte de Prevenir e Corrigir, nas Crianças, as Deformidades do Corpo*, 1749.

Segundo [Lopes \(2003\)](#), há uma série de ações sobre o tronco selecionado para que ele se transforme numa estaca adequada e conservada, que está determinada como modelo na qual já foi aperfeiçoada. Assim, a estaca é o “sujeito definido como padrão, enquadrado, que já foi moldado e já se encontra, pois, na forma definida como ideal” ([LOPES, 2003](#), p.159).

Esse mecanismo de controle vem dominar não apenas as práticas que conduzem o sujeito, mas especialmente, que o estabelece como tal. Essas técnicas norteiam as atitudes e os valores do indivíduo, que estão relacionadas a verdades indicadas e espalhadas ao longo da vida humana.

A árvore da figura apresenta um tronco que não segue a direção correta, saindo do modelo. Assim, é posta uma estaca para corrigi-la, modelá-la e poder movê-la, projetando para normalização. A árvore aprisionada é conduzida para seguir o modelo vigente – a estaca, pois não está no padrão de normalidade. Deste modo, é necessário perceber esse dispositivo de corrigir, que induz a uma normalidade produzida por um campo discursivo estabilizado nas instituições e nas práticas pedagógicas.

Portanto, os Pareceres Descritivos são um dispositivo de controle da escola, embasados por verdades e por um poder que agem sobre o corpo e que o transformem no sujeito normal requerido pela escola, que está presente nessas narrações.

Seguem fragmentações de um Parecer Descritivo realizado na escola (2008) pelos professores para alunos de 4ª série. Nele é descrito: “Seu comportamento ruim em sala de aula contribui para a pouca aprendizagem... E segue: “Não está manifestando melhoras, embora já foi alertado”. Nesse relato pode ser visto uma verdade discursiva que aponta sua atitude. Percebe-se que está estabelecido pelo poder, pois há um discurso no qual já se tentou resolver a situação que foge do normal.

Outro ponto sobre o qual se pode refletir é o conceito do que é ser um bom aluno ou mau aluno, que remete a uma classificação do sujeito, cuja ideia está nas noções de poder e domínio desde a humanidade antiga, já que estes foram institucionalizados para definir o certo e o errado, de acordo com cada situação, manifestando um comportamento adequado ao ambiente em que está.

Cito um dos fragmentos do Parecer Descritivo de um dos alunos, que é destacado como aluno que não sabe se portar de maneira correta no ambiente escolar: “Tem dificuldade em portar-se com boa postura no ambiente escolar...”; “Seu vocabulário torna-se inadequado perante as situações que se apresentam.” Percebe-se, nessas descrições, que se destacam suas atitudes ditas indisciplinas sustentando uma discordância no seu comportamento e usando um vocabulário que não está no contexto escolar. Na finalização do parecer é apresentado um conselho para resolver essa situação: “... precisa entender que o espaço escolar, a sala de aula, o recreio é um espaço reservado para atitudes sadias.”

Percebe-se que nessas descrições o aluno precisa seguir as regras e as normas que a escola exige. Toda a definição está situada no objeto maior, que é tornar o aluno um sujeito melhor, garantindo a obediência do indivíduo e uma melhoria de seu comportamento. Assim, o seu corpo “torna-se um elemento que se pode colocar, mover, articular com outros.” (FOUCAULT, 1975, p.138), pois o importante é ter o domínio sobre esse corpo como instrumento de seu exercício.

Segundo Foucault, o poder disciplinar tem como papel de “adestrar” para extrair e se adaptar ainda mais e melhor. Foucault (1975) aponta que a disciplina “fabrica indivíduos”, vista como a “técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1975, p. 143). Essa disciplina está ligada a uma disciplina que produz técnicas de dominação não apenas no seu corpo físico, mas no pensar e no agir.

Nesse contexto, resalto mais uma descrição do Parecer Descritivo (1998), “deve, para tanto, desafiar-se e querer mais, sabendo que o ato de aprender acontece no momento que ousamos e cumprimos nossas responsabilidades de estudante”. Tal descrição aponta soluções que vêm estabelecidas nas normas, que conduzem o

sujeito para saber a função de um estudante. Essas verdades atravessam o indivíduo, docilizando-o e transformando-o no sujeito desejado. Assim, para Foucault (1975), o poder “obriga à homogeneidade, mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras” (FOUCAULT, 1975, p.154).

CARTA DE INTENÇÃO

Ao longo da história moderna, a instituição escola esteve buscando o melhor método, a técnica pedagógica ideal, o currículo mais eficiente, a avaliação mais exigente. Nas palavras de Foucault (1975), a escola existe e existiu na lógica do pensamento linear, doutrinando e docilizando corpos que se movimentam no seu discurso de verdade.

Assim sendo, pensar na sala de aula é pensar em um ambiente adequado à transmissão do conhecimento, onde cada um recebe e processa para ser avaliado com os Pareceres Descritivos, com os quais é possível pensar em “dispositivos constituidores de penalização normativa da escola” (CORAZZA, 2001, p.49).

Skliar (2003) traz alguns aspectos sobre o que é esse sujeito dito como modelo, “normal” e como ocorre sua construção. É o olhar que temos do outro, é que aponta o conhecimento de normalidade que projetamos nele.

“se voltamos a olhar – o nosso olhar – existe, sobretudo, uma regulação e um controle que define para onde olhar, como olhamos quem somos nós e quem são os outros se, finalmente, como o nosso olhar acaba por sentenciar como somos nós e como são os outros” (SKLIAR, 2003, p.71).

A partir dessa relação do olhar para o outro que a normalização se estabeleceu, pois o ideal de homem se constrói com apoio em um padrão idealizado em que todos se enquadram. Deste modo, a escola não é diferente, pois todas as regras e diretrizes institucionais apontam para um mesmo modelo de aluno: aquele que aprende as regras, os conteúdos e as normas. E quem não se enquadra é determinado como “aluno problema”. Portanto, cabe pontuar este conjunto de poderes e verdades curriculares que se tornam visíveis nos Pareceres Descritivos. Tudo está ligado à normalização, pois os acontecimentos são sempre analisados com base em um modelo contextualizado que já foi estabelecido pelo meio escolar e por meio deles compreendidos.

A escola vem unida e solidificada por essa afirmação de que há um ideal de sujeito que está instituído nas práticas curriculares, os Pareceres Descritivos, exercendo um poder de avaliar, de controlar e de construir o sujeito – aluno.

Continuando a pensar, procurei destacar circunstâncias que possam evidenciar esse ponto de vista da disciplina e da normalização, explicitando essa busca pelo enquadramento do sujeito, seguindo um modelo, tanto comportamental como de conhecimento. Essas relações, se colocadas na escola vêm direcionadas por uma força que determinará os caminhos e o melhor modo de segui-los.

Os Pareceres Descritivos têm o propósito de controlar, dominar e disciplinar conforme o currículo escolar, que apresenta técnicas de poder, maneiras de saber e efeitos de verdade. Esses mecanismos de controle que dizem como os indivíduos devem ser, o que devem fazer, como devem relacionar-se na instituição escolar e consigo mesmo, submetem-nos a todas as correções possíveis. Trata-se aqui de civilizar aquilo que não se enquadra: alunos que não aprendem ou que não obedecem são designados a repetir, ou seja, reproduzir o mesmo.

Portanto, refletir sobre as práticas escolares, principalmente dos Pareceres Descritivos é fornecer à escola muitas possibilidades e não um discurso desinteressado. Não um caminho acabado, linear, mas que sucessivamente encontra-se em construção e debate.

Ao se experimentar a possibilidade para pensar sobre essas técnicas escolares interessa aqui observá-la, acompanhá-la e analisá-la mais atentamente, pois sei que não existem respostas, já que é um processo contínuo de construir, criar, experimentar, estranhar, procurar sempre – é um recomeço. É como um movimento permanente de criação.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra. **O que é um currículo?** Pesquisa pós-crítica em educação. Petrópolis: Vozes, 2001. ① ② ③

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996. ①

_____. Michel. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 1975. ① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫
⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱ ⑲ ⑳ ㉑ ㉒ ㉓
㉔

_____. Michel. **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2006. ① ② ③ ④ ⑤

LOPES, Maria Isabel. **Psicopedagogia: uma ortopedia da aprendizagem**. 2003. 11 páginas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. ① ②

VEIGA NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. ①

SCKLIAR, Carlos. **Sobre as representações do outro e da mesmidade** – notas para olhar bem o que já foi (apenas) olhado. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. ① ②

SILVA, Tadeu Tomaz. e BARBOSA, Antonio Flavio. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Tadeu Tomaz. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.